

A BIBLIOTECA PÚBLICA E A PROMOÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA

May Brooking Negrão
Assessora da Oficina Regional para a
América Latina e o Caribe, da IFLA
Consultora da Collecta

A BIBLIOTECA PÚBLICA, A BIBLIOTECA ESCOLAR E O ESTUDANTE

O estudante é o maior frequentado das bibliotecas públicas tanto nos países em desenvolvimento - onde muitas vezes existem sistemas de bibliotecas escolares, quanto em países desenvolvidos - com bons sistemas de bibliotecas escolares, integrados ou não à rede de bibliotecas públicas.

Os países de nossa Região, face à escassez de recursos, se deparam, muitas vezes, com o dilema de priorizar um dos tipos de bibliotecas, acabando por destinar recursos para que a biblioteca pública supra a falta de uma rede de bibliotecas escolares. Por uma série de fatores, a biblioteca pública é mais difundida que a escolar, sendo que a proposta de uma biblioteca pública em cada município e da sua organização em sistemas tem sido mais aceita que o plano de "integrar a biblioteca escolar no sistema educacional de forma a possibilitar o desenvolvimento dos Programas Nacionais de Bibliotecas Escolares", conforme o disposto na Declaração de Lima (1). O trabalho e os serviços oferecidos pela biblioteca pública estão cada vez mais sendo reconhecidos pela população como de utilidade pública, enquanto que o próprio sistema educacional de um país não percebe corretamente o papel da biblioteca escolar.

O estudante reflete, quando de sua utilização da biblioteca pública, suas condições sócio-econômicas, a falta de estímulo à leitura por pais e professores, a ausência de condições para leitura em suas casas e na escola. Por outro lado, a leitura na biblioteca pública é um ato compulsório para a elaboração de tarefas escolares, as chamadas pesquisas, que comumente se reduzem ao ato de tirar cópias reprográficas de um verbete de dicionário.

O bibliotecário público, ao receber estudantes despreparados e desorientados em relação ao livro, à leitura, à recuperação da informação, à metodologia da pesquisa e ao uso da biblioteca,

RESUMO

As bibliotecas públicas na América Latina e Caribe têm tido um desenvolvimento maior do que o das bibliotecas escolares, cuja função ainda não foi bem reconhecida pelo sistema educacional de alguns países da Região. É também um problema, a divisão de recursos entre os dois tipos de bibliotecas, sendo que a pública tem sempre maior apoio dos dirigentes dos países. Assim, fica sobrecarregada pelo atendimento ao estudante, despreparado para sua utilização quando da elaboração de seus trabalhos escolares e desmotivado em relação à leitura. Preocupa-se, então, a biblioteca pública em modificar tal quadro. O trabalho apresenta algumas experiências vivenciadas na cidade de São Paulo, Brasil, pelas bibliotecas públicas na sua tentativa de atuar na escola, promovendo a leitura.

Para que sua atuação seja bem sucedida, a biblioteca precisa ter presente todos os conceitos básicos referentes à leitura discriminados no trabalho, o papel do livro na cultura de um povo, a função de pais e professores, a disponibilidade de livros nos locais de convívio da criança, a adoção de novas tecnologias, etc. A autora analisa e segue, os trabalhos da mais recente obra de Biblioteconomia publicada no Brasil, os Anais do XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, onde se manifesta uma grande preocupação com o atendimento ao estudante pela biblioteca pública em função da ausência de bibliotecas escolares. Após listar algumas das atividades mais conhecidas de promoção da leitura nas escolas, a autora narra experiências bem sucedidas de iniciativa de algumas bibliotecas da cidade, com a pré-escola, com uma classe de estudantes reincidentes, a promoção de leitura de um clássico pouco lido e um projeto visando a leitura crítica de textos. Os dois últimos com a preocupação de modificar a imagem da biblioteca como local destinado somente à pesquisa escolar.

A autora conclui que a biblioteca pública para manter sua opção de promover a leitura na escola, como uma atividade permanente, necessita de recursos financeiros (coleção adequada, prédios bem conservados) e humanos (pessoal devidamente capacitado), obedecer a conceitos básicos de leitura, obter a anuência da escola que se dispõe a fugir da rigidez de horários e currículos, considerar imprescindível a interação professor/bibliotecário e adotar novas tecnologias.

o bibliotecário público se sente impotente por não poder suprir todas essas deficiências, agravadas pela falta de biblioteca escolar para um trabalho integrado. Preocupa-se então, por estar prestando um serviço incompleto ao estudante, num trabalho mecânico e limitado em função da amplitude da demanda, mas nem por isso deixa de tomar iniciativas na execução de suas funções educativas, tanto na biblioteca como na escola.

Este trabalho descreve projetos, programas e atividades de algumas bibliotecas públicas da cidade de São Paulo no seu trabalho em relação à utilização da informação e à leitura, seu fomento e sua promoção, aqui entendida como a ato de gerar interesse.

LEITURA E SEUS CONCEITOS BÁSICOS

A ação da biblioteca pública ao promover a leitura não pode prescindir de alguns conceitos básicos, contidos no ainda atual livro de Bamberger (2) e considerações outras que muito a afetam.

O "legere" latino tem um conceito de juntar, reunir que caracteriza o apreendido do código. Deste, muito depende a formação do leitor pois geralmente quem lê mal, não gosta de ler. O prazer do ser humano em dominar uma habilidade não pode ser esquecido nessa fase. Segue-se a ela, a transformação dos símbolos gráficos em conceitos, a compreensão da leitura, a leitura do mundo, a compreensão do texto, seu refazer, sua análise, síntese, crítica, enfim, o desenvolvimento de novas idéias, o objeto da promoção da leitura.

Influências ambientais e culturais afetam o interesse do estudante pela leitura, mas sua cultura própria deve ser respeitada e utilizada pela biblioteca no estímulo à leitura, mesmo sabendo que o status do livro na sociedade se reflete na cultura do aluno.

A primeira influência no desenvolvimento do interesse pela leitura, ou seja, a ação dos pais, é afetada pela situação sócio-econômica da grande maioria da população em nossa região. No Brasil, aproximadamente 90% da população ganha até 5 salários mínimos e a taxa de analfabetismo é ainda significativa. Daí a importância da ação da biblioteca pública em creches e escolas maternais, onde a criança vai entrar em contacto com o livro pela primeira vez.

A ação da escola e do professor passa a ser a primeira in-

fluência quando pais e pré-escole não expuseram a criança ao livro. A influência do professor, principalmente nos primeiros anos é muito grande, mas só transmite o prazer da leitura quem gosta de ler e só estimula o uso da biblioteca quem a conhece, ou só ensina a usá-la quem o sabe fazer.

O professor, integrado nos 90% acima citados, lê em média, menos que 2 livros por ano conforme pesquisa citada no Congresso Brasileiro de Leitura (COLE), realizado em julho último. Mal pago, o professor reflete a sociedade que não valoriza educação e leitura. A própria formação do professor é deficiente em pedagogia da leitura e em literatura.

A disponibilidade de livros e o oferecimento de uma escolha suficiente para satisfazer interesses e necessidades individuais é outro fator a considerar. A coleção de livros na sala de aula, uma sala de leitura na escola e a biblioteca escolar são necessárias mas não suficientes, pois não oferecem grandes alternativas de escolha, o que se espera que se suceda na biblioteca pública.

Outro fator a se levar em conta é o caráter ainda autoritário da escola, sujeita a currículos pré-estabelecidos, a um calendário pré-determinado e a conceitos educacionais muitas vezes rígidos de um sistema de ensino. A biblioteca se sobrepõe a essa rigidez o que pode levar à incompreensão de seu papel pelo sistema escolar.

A biblioteca pública não pode ignorar os diferentes tipos de leitura, os tipos de leitor e o que procuram na leitura e as fases da leitura. O tipo de leitor, romântico, realista, estético, intelectual, se reflete no tipo de leitura que busca, emocional (escapista, por passatempo), racional (informativa, cognitiva) ou literária em que o texto é o pretexto.

As crianças procuram encontrar na leitura: emoção e aventura, uma diversão, o alimentar de um hobby, humorismo, a redação de um trabalho escolar e muitas outras. As fases da leitura, com pequenas variáveis entre os autores se resumem em: pré-leitura (3-6 anos), leitura compreensiva (6-8), interpretativa (8-11), informativa ou factual (11-13), crítica (13-15) (3).

Por fim, a biblioteca deve se utilizar, na promoção de leitura na escola, das novas tecnologias que são hoje, talvez, o melhor meio para despertar o interesse pelo texto, pela leitura.

ANÁLISE DA LITERATURA

Sentimos mais uma vez, na elaboração de um trabalho, que a

dificuldade do acesso à informação sobre biblioteca, leitura o livro persiste no Brasil e também na América Latina e Caribe. Uma revista bilingue espanhol-português de grande divulgação e acessível ao poder aquisitivo do bibliotecário poderia ser uma solução para o problema. Cabe aqui a sugestão à ABIPALC de um projeto a ser encaminhado a ALP.

Consultamos, então, a última fonte publicada da biblioteconomia brasileira, os Anais do XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado setembro último, onde se nota uma preocupação constante dos bibliotecários com a leitura e a pesquisa do estudante. No entanto, a maioria dos trabalhos são teóricos e demonstram o interesse do bibliotecário em contribuir para a solução de um problema atribuído, em grande parte, à ausência da biblioteca escolar e à falta de seu conhecimento pelo sistema escolar. Nota-se também, um grande número de trabalhos voltados ao uso da biblioteca e da informação, reflexo da grande demanda da pesquisa escolar.

Encontramos nos Anais⁽⁴⁾: inúmeros diagnósticos de sistemas escolares públicos visando a implantação de redes de bibliotecas escolares; trabalhos sobre bibliotecas laboratório nas escolas de biblioteconomia voltadas à ação integrada com as escolas circunvizinhas tendo em vista a promoção da leitura; a descrição de núcleos de hora do conto em escolas de biblioteconomia visando a formação de contadores de história.

Machado⁽⁵⁾ propõe uma série de medidas visando a dinamização dos espaços das bibliotecas municipais através da ação conjunta de professores e bibliotecários. Para ambos propõe, entre outros, a oferta de cursos com os temas: processo da leitura, processo de criação, literatura infantil e infanto-juvenil, metodologia da pesquisa, política educacional e editorial, psicologia social, psicologia do desenvolvimento.

Com a mesma intenção de formar pessoal para promover a leitura, foi realizado, no município de São Paulo, um curso de formação de mediadores de leitura para todos os 1.200 funcionários do sistema de bibliotecas públicas. No caso, considerou-se que o funcionário enquanto leitor deveria refletir sobre seu relacionamento com o texto e sobre seu próprio processo de leitura para poder intermediar leitura com o usuário. Os temas básicos do curso foram: a cidade, linguagem e leitura⁽⁶⁾.

Em continuidade ao projeto, a Biblioteca Camila Cerqueira César implantou a "roda de leitura" que consta de reuniões semanais onde os funcionários discutem sobre um livro lido na semana. O programa teve início com o "contar de histórias" pelos funcionários e seus cole-

gas. Após certa relutância e vencidos os momentos de timidez e insegurança, hoje todos eles não têm inibições e são bons contadores de história o que o fazem em vários locais da comunidade. A biblioteca desenvolveu o "ensinar a ensinar" a gostar de ler e contar histórias entre os funcionários, procedimento este que deveria preceder qualquer ação em relação à leitura.

A maioria dos trabalhos referentes à promoção da leitura na escola elencam uma série de atividades bem conhecidas, mas que devem ser lembradas:

- 1- Visitas programadas de bibliotecários à escola e de alunos à biblioteca, A distribuição do cartão da biblioteca como um passaporte à leitura é uma boa opção.
- 2- Hora do conto com seus complementos: desempenho de papéis, expressão corporal, desenho, discussão
- 3- Empréstimo de livros e de caixas estantes
- 4- Leitura e análise das suas obras por ilustradores e autores
- 5- Exposição de livros ou mostras de obras para discussão
- 6- Clube do livro e da leitura
- 7- Campanhas de leitura promovidas pelos alunos. O uso de cartazes que despertam a curiosidade pelos livros tem sempre um bom resultado. "Em quantos minutos você acha um Wally?" é um exemplo.
- 8- Visitas a fábricas de papel e a editoras
- 9- Jogos de busca do tesouro. A elaboração de um mapa com livrarias e pontos de venda de livro pode ser um dos pedidos.
- 10- Concursos literários ou de ilustração. "A capa do livro que vou escrever" é uma atividade sempre bem aceita.
- 11- Jogos de leitura (7)
- 12- Vídeos sobre metodologia da pesquisa

A criatividade do bibliotecário público em sua atuação na escola transcende o descrito acima bem como se sobrepõe às limitações que comumente inibem o cumprimento das suas funções, como a carência de recursos, de pessoal, o acervo desatualizado, prédios mal conservados, etc. A sua vontade de agir, sua imaginação e a consciência de seu papel na sociedade superam as dificuldades existentes, como se nota nas experiências que passamos a descrever.

A PRÁTICA DA PROMOÇÃO DA LEITURA

A ação das sessenta bibliotecas da cidade de São Paulo é ainda predominantemente extra-muros escolares, ou seja, a biblioteca atua em seu território, o que não deixa de ser mais seguro! Não existe uma proposta global de trabalho biblioteca/escola pelo sistema, sendo as iniciativas individuais. Alguns dos projetos são hoje atividades integradas ao programa da biblioteca como o são o empréstimo, a orientação à pesquisa, etc.

Das das experiências aqui descritas têm alguns pontos em comum, a credibilidade da escola na ação da biblioteca e o reconhecimento da escola de que tinha problemas que por si só ela não conseguira solucionar, a falta de interesse por histórias e o desinteresse por qualquer tipo de atividade na sala de aula. As bibliotecas atenderam, com sucesso, a uma demanda da escola.

Biblioteca Monteiro Lobato - Hora do conto com outras expressões artísticas para crianças de 6 anos, não alfabetizadas, numa pré-escola onde não havia livros

Os alunos de uma escola municipal demonstravam uma resistência total a ouvir e a participar de histórias na escola onde deveria ter sido desenvolvida a ação da biblioteca; por falta de espaço o programa foi desenvolvido na biblioteca infanto-juvenil. As crianças com seus professores vinha a pé, mesmo nos dias de chuva, tal o interesse dos alunos no decorrer do programa.

O objetivo do mesmo foi conseguir com que as crianças aprendessem a gostar de ouvir histórias e se aproximassem do livro através do estímulo de várias expressões artísticas, dança, expressão corporal, desenho. O trabalho de expressão corporal contou com a experiência de uma professora com formação em arte e conhecimentos de técnicas utilizadas na dança educativa. Faziam também parte do grupo, uma professora especializada em pré-escola e estudante de biblioteconomia com experiência em projetos de incentivo à leitura, integrante do grupo de contadores de história das bibliotecas municipais e uma auxiliar de biblioteca, com grande experiência no teatro infantil da própria biblioteca.

As histórias foram selecionadas pelo grupo obedecendo a critérios tais como a época do ano, a Primavera, ou de outros interesses como o da professora de educação artística em testar o método empregado com a Bela Adormecida. As vidas da lagarta e a da aranha, a partir da história da fada costureira foram bem estudadas. As professoras utilizavam sempre a história/tema para trabalhar com ciência e meio ambiente, ampliando o universo da história. As crianças que nunca haviam visto um beija-flor, a partir da sua história quiseram conhecê-lo e ele estava bem próximo, pois é um assíduo frequentador dos jardins da biblioteca.

O resultado do programa foi bem positivo: as crianças não só aprenderam a gostar de histórias, mas também de livros, ficaram felizes ao saber que podiam emprestar livros da biblioteca e o estão fazendo. A coordenadora do projeto na escola, apontou, em sua avaliação, as dificuldades dos primeiros encontros de interação criança/professor/equipe da biblioteca, o que a fez duvidar, de início, da validade do mesmo e apontou como resultado, além do interesse pelo livro, o desen-

volvimento sócio-cognitivo das crianças.

O grupo irá testar o método empregado com crianças de 7-10 anos, pois ao trabalharem com o programa semanalmente com três turmas, foram corrigindo o método, hoje considerado adequado para a pré-escola.

Outro programa visando a escola, foi o Caracol da Ilustração. Ilustradores renomados expuseram seus originais num grande caracol de pano no saguão da Biblioteca. No centro do caracol estava montado o atelier do ilustrador que analisava com as crianças o seu trabalho e onde também era contada a história do livro. O retorno do projeto foi o despertar da criança para a crítica, o que foi percebido por professores e bibliotecários.

A Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato foi a primeira a ser criada na cidade e é considerada a biblioteca modelo para as demais.

Biblioteca Clarice Lispector - Trabalho semanal com uma classe de 8ª série de uma escola pública, considerada a pior classe da escola, cujos estudantes estavam sem motivação para estudo ou leitura.

O tema estudado na biblioteca, ou o fio condutor de toda mudança comportamental da classe foi a História Medieval, e em especial o tratamento dado ao corpo nessa época: vestimenta, alimentação, hábitos, vida dos jovens, arte, etc. Foram usadas outras linguagens além da leitura, jogos dramáticos, de sensibilização, música, trabalhos manuais.

Surgiu, então, naturalmente, o relacionamento de cada aluno com seu próprio corpo e um interesse especial pelos problemas de saúde. A pesquisa bibliográfica estimulou a curiosidade dos alunos e suscitou dúvidas tendo sido então pedida pelos alunos a presença de um médico e psicólogo: o diálogo com ambos foi caloroso.

O motivo corpo passou também a ser estudado nas aulas de ciências, de língua e literatura. Na escola foi analisado o tratamento do corpo na propaganda.

A avaliação foi das mais positivas, não só pela mudança de atitude da classe como um todo, mas também pela aproximação com a leitura, passando os livros a ter um significado para os alunos. Houve uma fuga da escola do currículo rígido, e sua credibilidade na proposta da biblioteca. Vimos, portanto, que nos dois casos descritos a ação da Biblioteca foi, na escola, de uma própria terapia educacional.

Biblioteca Infanto-Juvenil Adelpha Figueiredo

Ao perceber que os clássicos de literatura não estavam sendo lidos e querendo desvincular a imagem da biblioteca de um local onde só se faz pesquisa escolar, a biblioteca centrou-se em Júlio Verne e mais precisamente no "Viagem ao centro da terra", pelo seu ineditismo, pois o homem ainda não chegou lá, tendo como objetivo, o resgate de um clássico.

Usando técnicas modernas, como vídeo, gravador (com uma fita de rock progressivo bem ao gosto dos jovens, como fundo musical) e muitas luzes, a bibliotecária idealizou um videoclip sem som de filmes de obras de Júlio Verne e uma trilha com a narração de alguns aspectos da vida e obra do autor e trechos do livro; lidos por uma funcionária com treinamento em locução comercial.

A sala onde era projetado o vídeo estava separada da outra onde estava uma exposição, por um pano preto que caía ao final da fita ao som do "Assim falava Zaratustra, criando um clima de expectativa para o centro da terra. Um velho armário bem grande foi transformado em uma grande rocha onde estavam os livros do autor, iluminados por lâmpadas de várias cores. Na gruta improvisada, estava a figura de Júlio Verne com sua biografia. Uma luz estroboscópica girava no teto de onde saíam tiras compridas de papel celofane amarelo (estalactites).

Os professores que se interessaram pela proposta encaminharam os alunos à biblioteca. O programa alcançou seu objetivo, pois nos seus três meses de duração houve 30 empréstimos de livros do autor, enquanto que no ano anterior só houvera 10. A programação levou em conta técnicas modernas, a cultura do jovem e se utilizou de um sentimento de grande intensidade no adolescente, a emoção.

Biblioteca Gilberto Freyre

Está com um projeto em andamento de integração com a escola visando transformar o estudante (usuário para fins de pesquisa escolar) em leitor crítico. Seu alvo são alunos da 7ª e 8ª séries da escola situada a 10 minutos da biblioteca.

O projeto foi exposto, discutido e aprovado pelo corpo docente, tendo os alunos sido liberados das aulas para as visitas programadas. Cabe aqui dizer que nenhum professor havia pisado na biblioteca nos seus três anos de existência. Porém, com grande habilidade, a bibliotecária justificou a proposta face à sobrecarga na biblioteca que estava dando um atendimento considerado paternalista e não educativo em relação à pesquisa.

O programa inclui a instrução quanto ao uso da biblioteca, mas seu fim último é a leitura crítica de textos. Está está sendo iniciada a partir de matérias contraditórias sobre um mesmo assunto em vários jornais (o horóscopo não foi esquecido) e em obras sobre a adolescência. A promoção da leitura, ou o despertar do interesse, foi feita com a análise do aspecto físico de obras cujos assuntos atingem a vida diária do jovem (sexo, drogas, artes marciais, novos ritmos musicais). As obras só poderiam ser retiradas no dia seguinte, para se verificar se o interesse fora mantido. Muitas delas foram emprestadas pelos alunos que já haviam recebido o cartão da biblioteca no dia da visita, com um código no número de matrícula, que possibilita o acompanhamento da leitura dos alunos expostos ao projeto.

Dois meses após o início do programa, foi aplicado um questionário aos alunos que autoanalisaram seu comportamento anterior e posterior ao projeto, sendo muito positiva a sua resposta.

O projeto mostrou que o "conhecer" da biblioteca e de seus recursos e de como utilizá-los através de um programa bem estruturado e com o apoio da escola, tem a mesma função do aprendizado do código na 1ª fase da leitura, o domínio da técnica e a satisfação que isto nós dá é um passo inicial para o trabalho da biblioteca com a "releitura".

CONCLUSÃO

A ação da biblioteca pública na escola, em quaisquer dos edifícios sede, tem uma perspectiva imensa de sucesso na promoção da leitura, como vimos nas experiências relatadas, pois a biblioteca considerou o tipo de leitura, o interesse dos estudantes, as fases da leitura, as características psicológicas de cada idade e se preocupou com a capacitação de recursos humanos.

A escola, por sua vez, se dispôs a trabalhar com a biblioteca fugindo à rigidez de horários, currículos e aceitou ser a rejeição à leitura motivada, entre outras causas, pelo desconhecimento ou pela falta de contacto com o livro.

A transformação de projetos referentes à promoção da leitura em atividades regulares e permanentes da biblioteca depende de sua postura em relação à comunidade atendida, de apoio financeiro e de pessoal em número suficiente. Sem estes recursos dificilmente será bem sucedida, face à demanda de seus serviços tradicionais: referência, empréstimo, atividades culturais comunitárias etc.

A preocupação da biblioteca pública com a formação de seus funcionários, professores e alunos visando a leitura na escola nos leva a questionar se a instituição não estaria querendo preencher uma função da escola quando muitas vezes não consegue cumprir eficazmente, seus objetivos básicos e as orientações da Declaração de Caracas.

Somente com a interação biblioteca/escola voltada à orientação do estudante em relação à leitura e ao uso da informação tendo como finalidade a formação de um leitor com o hábito estável e o gosto pela leitura, a biblioteca pública poderia agir sem prejuízo de suas demais atividades. O professor ensina a ler, desperta o gosto, incentiva o uso do livro e da biblioteca quando a conhece. O bibliotecário promove o livro e dá condições para a continuidade de um bom hábito. As tarefas dos dois profissionais em alguns momentos se identificam e são intercambiáveis tendo em vista a importância do fim último, a formação do leitor.

Que a fada madrinha ajude a biblioteca pública a bem utilizar sua fórmula mágica para que ao promover o livro na escola, possa acabar com o desgosto pela leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROSO, M.Alice. Um modelo flexível para a biblioteca escolar. R.bras.Bibliot.Doc., 17 (1/2): 12-17, 1984.
2. BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. 3.ed. São Paulo, Ática, Unesco, 1987.
3. FILIPOUSKI, A.M.R. Atividades com textos em sala de aula. In: Leitura em crise na escola. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
4. CONGRESSO Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 16, Salvador, Bahia, 1991. Anais. Salvador, APBEB, 1991.
5. MACHADO, A.M.N. & RAMOS, M.C.M. Dinamização dos espaços de bibliotecas públicas municipais através da atuação conjunta de professores e bibliotecários. In: op.cit. Anais. v.1. p.92-102.
6. KOUTZII, M. et. al. Leitor infinito, uma experiência em mediação de leitura. In: op.cit. Anais. v.1. p.148-157.
7. SILVA, M.C.M.R.A. & GUARIDO, M.D.M. Projeto: "Brincando com o texto". In: CONGRESSO Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 11, João Pessoa, Paraíba, 1982. Anais. João Pessoa, APB da Paraíba, 1982. v.1. p.54-70.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às bibliotecárias do sistema de bibliotecas públicas da cidade de São Paulo: M.Christina M.Tavares e sua equipe, Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato; Ivete Pierruccini Faria, da Biblioteca Infante-Juvenil Clarice Lispector; M.Cecília Monteiro Viana, da Biblioteca Infante-Juvenil Camila Cerqueira César; M.Luize Erito, da Biblioteca Infante-Juvenil Adelpha Figueiredo e Marcia S.F. de Mello, da Biblioteca Gilberto Freyre, pelas informações prestadas.